

REVISTA PESQUISA FAPESP: UMA ANÁLISE DAS FONTES ENTREVISTADAS

PESQUISA FAPESP MAGAZINE: AN ANALYSIS OF THE SOURCES INTERVIEWED

Rodrigo Bastos Cunha

Universidade Estadual de Campinas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3679-1062>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.65698

RESUMO:

O jornalismo científico tem sido tema de pesquisas que estudam a comunicação das universidades, sua relação com a imprensa, a presença de instituições de pesquisa e de áreas do conhecimento na mídia e o papel das mulheres cientistas entre as fontes dos veículos. Esta pesquisa investiga as reportagens da revista *Pesquisa Fapesp*, publicadas em 2024 e que têm como chapéu uma área ou subárea do conhecimento. Usa-se a Análise Textual Discursiva como metodologia para classificar as pessoas entrevistadas pela revista em três categorias: instituição, área do conhecimento e sexo. Os resultados mostram que a Universidade de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas se destacam com maior número de entrevistados, mas há fontes de todas as regiões do país. Medicina é a área com maior número de entrevistados e Ciências Exatas e da Terra é a grande área com mais fontes, porém todas as grandes áreas do conhecimento estão contempladas. No total de entrevistados, as mulheres representam menos de um terço e são maioria apenas entre as fontes de Ciências Sociais Aplicadas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo científico, Áreas do conhecimento, Mulheres cientistas.

ABSTRACT:

Scientific journalism has been the subject of research that studies university communication, its relationship with the press, the presence of research institutions and areas of knowledge in the media and the role of women scientists among media

sources. This research investigates reports from *Pesquisa Fapesp* magazine published in 2024 that focus on an area or sub-area of knowledge. Discursive Textual Analysis is used as a methodology to classify people interviewed by the magazine into three categories: institution, area of knowledge and gender. The results show that the University of São Paulo and the State University of Campinas stand out with the largest number of interviewees, but there are sources from all regions of the country. Medicine is the area with the largest number of interviewees and Exact and Earth Sciences is the major area with the most sources, but all major areas of knowledge are covered. Of the total number of interviewees, women represent less than a third and are the majority only among Applied Social Sciences sources.

KEYWORDS: Scientific journalism, Area of knowledge, Women scientists.

INTRODUÇÃO

Em 1985, Wilson da Costa Bueno defendia sua tese de doutorado, pioneira no Brasil, sobre jornalismo científico, na Universidade de São Paulo (USP). Ao longo das quatro décadas que se seguiram, as pesquisas sobre jornalismo científico, seja na área da Comunicação, dos Estudos da Linguagem ou de campos interdisciplinares de estudo, têm ganhado espaço em congressos acadêmicos, em revistas especializadas e em programas de pós-graduações. Entre os temas estudados, estão a comunicação institucional das universidades e centros de pesquisa, sua relação com veículos de imprensa e a presença dessas instituições nas matérias publicadas na mídia.

Bueno lidera, na USP, um grupo de pesquisa sobre o Jornalismo na comunicação organizacional. A partir de 2024, esse grupo começou a desenvolver um projeto para ampliar a relação entre Comunicação Organizacional e o Jornalismo Especializado. A jornalista Carla Tôzo defendeu, em 2024, na USP, sua tese de doutorado sobre essa relação, estudando a comunicação em universidades públicas e a prática do Jornalismo Científico. Tôzo entrevistou Bueno sobre o tema. Segundo ele, com exceção das principais universidades, as que mais produzem conhecimento, com maior número de pesquisadores publicando, “o espaço dedicado à divulgação da pesquisa é menor do que o da extensão, do ensino [...] na maioria das universidades, o espaço ainda é pequeno” (Tôzo, 2022a, p. 155-156).

O lugar da comunicação organizacional em instituições de pesquisa foi tema do estudo de Silva e Pereira (2021) sobre três universidades federais de Minas Gerais. De acordo com o estudo, em duas delas, a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e a Universidade

Federal de Lavras (Ufla), a comunicação se institucionaliza na segunda metade da década de 1990. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por sua vez, já havia uma sala de imprensa desde a década de 1970. Na atualidade, além de uma agência de notícias, o Centro de Comunicação da UFMG também inclui assessoria de imprensa, núcleo web, rádio educativa e TV universitária.

Em sua tese de doutorado, Tôzo (2024) faz um levantamento bem mais amplo da comunicação praticada em 109 universidades públicas de todo o país. Segundo esse estudo, entre as universidades federais investigadas, quase metade publica apenas notícias institucionais e não produz matérias de jornalismo científico. Das que produzem, boa parte não tem jornal universitário. Entre as estaduais, três em cada quatro universidades contempladas no estudo publicam apenas notícias institucionais e não produzem jornalismo científico. Ao longo de sua pesquisa, Tôzo (2022b) encontrou alguns destaques, como a Universidade Estadual de Londrina (UEL), que criou um jornal universitário na década de 1970, e a Universidade Federal do Pará (UFPA), que tem um veículo do mesmo tipo desde 1985.

Além da comunicação realizada por universidades e centros de pesquisa e da presença dessas instituições em matérias veiculadas na imprensa, outro tema investigado nos estudos sobre jornalismo científico é o das áreas do conhecimento mais abordadas pela mídia e das áreas que são menos divulgadas. A pesquisa de Silva e Pereira (2021) investigou notícias publicadas nos portais de UFV, da Ufla e da UFMG entre 2004 e 2018. Os macrotemas mais encontrados nas matérias das três universidades foram Saúde, Agropecuária e Meio Ambiente. Na entrevista concedida a Tôzo (2022a), Bueno afirma ser um problema a cobertura mais focada em Ciências Exatas e Biológicas e a falta de divulgação das Ciências Humanas na mídia.

Pesquisadores da Rede Ibero-Americana de Capacitação e Monitoramento em Jornalismo Científico criaram a proposta de um protocolo de investigação de notícias sobre ciência e tecnologia veiculadas em telejornais (Ramalho et al., 2012). O protocolo sugere que o pesquisador aponte a principal área do conhecimento abordada na matéria segundo a divisão de grandes áreas feita pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Essa sugestão vale apenas para Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde e Engenharias. Sem justificar o motivo, mas provavelmente já partindo do pressuposto de baixa presença na mídia, o protocolo reúne em uma mesma categoria as áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

Outro tema dos estudos sobre Jornalismo Científico é a desigualdade entre homens e mulheres quando se trata da escolha dos cientistas entrevistados pela mídia. Massarani, Castelfranchi e Pedreira (2019) analisaram 188 reportagens do *Jornal Nacional* e do *Fantástico*, ambos da TV Globo, que abordaram ciência no período de abril de 2009 a março de 2010. De acordo com eles, apenas um em cada quatro entrevistados nessas reportagens era mulher. Damasceno et al. (2024) investigaram 48 reportagens do *Fantástico*, da TV Globo, e do *Domingo Espetacular*, da TV Record, de março de 2020 a agosto de 2021, que trataram de vacinas. Segundo esse estudo, apenas 31,3% dos cientistas entrevistados eram mulheres.

Se, por um lado, Silva e Pereira (2021) e Tôzo (2024) investigam a comunicação feita por universidades e, por outro lado, Massarani, Castelfranchi e Pedreira (2019) e Damasceno et al. (2024) estudam a presença de cientistas em programas de variedades, optamos por pesquisar essas mesmas questões em um veículo especializado em jornalismo científico, a revista *Pesquisa Fapesp*. Wilson Bueno aponta essa revista como um veículo importante no jornalismo científico (Tôzo, 2022a), e a editora de ciências do *Jornal da USP*, Luiza Caires, o considera um bom modelo a ser seguido (Tôzo, 2024).

Criada em 1999, a *Pesquisa Fapesp* é uma revista jornalística mensal financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Ao longo de seus 25 anos, tornou-se, juntamente à revista *Ciência Hoje*, importante referência no campo do jornalismo científico. Embora mencione em várias reportagens projetos de pesquisa financiados pela Fapesp, a revista não se pauta apenas na pesquisa em ciência e tecnologia realizada no estado de São Paulo. O veículo é especializado em cobrir a produção científica e tecnológica brasileira, tem circulação de cerca de 30 mil exemplares, é vendido em bancas de jornal e livrarias de todo o país e pode ser adquirido por assinatura.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa do tipo documental investiga, em três etapas, as 12 edições mensais da revista *Pesquisa Fapesp* publicadas em 2024. A primeira etapa (já concluída, mas ainda inédita) tem como *corpus* as reportagens de capa e as seções de entrevista e, por isso, o recorte temporal abrange um ano completo, optando-se pelo mais recente. A versão digital da revista, além de reproduzir o conteúdo das edições impressas, inclui notícias, vídeos, *podcasts* e galeria de imagens, que não fazem parte do escopo desta pesquisa e podem demandar estudos futuros específicos. Por isso, optou-se pela versão impressa.

As outras duas etapas são baseadas no tipo de chapéu usado em cada reportagem. De acordo com o *Novo Manual da Redação* do jornal *Folha de S. Paulo* (1996), chapéu é uma palavra ou expressão curta colocada acima de um título, usada para indicar o assunto de que trata o texto que vem abaixo dela. Para comparação com os resultados da primeira etapa, o recorte temporal é o mesmo.

A segunda etapa da pesquisa, cujos resultados serão apresentados aqui, tem como *corpus* as reportagens que têm como chapéu uma área ou subárea do conhecimento que consta na Tabela de Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), como História, Arqueologia, Física, Paleontologia ou Ecologia. A terceira etapa, ainda a ser desenvolvida, terá como *corpus* as reportagens cujo chapéu é um tema, como Aquecimento Global, Sociedade, Planejamento, Pecuária ou Mineração.

O objetivo desta investigação é verificar as escolhas de fontes entrevistadas pelo veículo. Usa-se a Análise Textual Discursiva (Moraes, 2003) como metodologia, partindo-se de três categorias definidas *a priori* para classificar a pessoa entrevistada: 1- sua instituição; 2- sua área do conhecimento; e 3- seu sexo. Embora a categoria “gênero” possa ser usada para tratar de desigualdade entre homens e mulheres, como no caso da reportagem “O gênero nas eleições”, da edição de outubro de 2024 da revista *Pesquisa Fapesp*, optou-se aqui pela categoria “sexo” para comparar os resultados com os dados do Censo de Grupos de Pesquisa do CNPq, cuja distribuição percentual dos pesquisadores é apresentada por sexo (Chiarini; Rapini; Santos, 2024).

A Análise Textual Discursiva tem como primeira etapa a unitarização feita a partir da desmontagem dos textos (Moraes, 2003). Nas reportagens analisadas, esse processo de desmontagem e unitarização buscou cada uma das ocorrências de discurso direto entre aspas, seguidas, geralmente, por um adjetivo ou substantivo que qualifica a pessoa entrevistada (por exemplo, infectologista, paleontólogo, sociólogo, psicóloga), seu nome completo e sua instituição. Esse é o padrão que mais aparece nas reportagens, mas há casos em que a fonte é mencionada anteriormente e a primeira ocorrência de discurso direto entre aspas é seguida apenas pelo sobrenome da pessoa entrevistada. Nesses casos, o processo de desmontagem e unitarização envolve a combinação dessas duas partes do texto.

Como o objetivo da pesquisa é verificar a escolha das fontes entrevistadas, não fazem parte da quantificação dos dados os discursos diretos entre aspas que reproduzem trechos

de artigos, relatórios de pesquisa ou livros. Da mesma forma, pesquisadores ou instituições de pesquisa apenas mencionados nos textos, sem um depoimento reproduzido na forma de discurso direto entre aspas, também não entram na quantificação dos dados.

Foram quantificadas as fontes ligadas a alguma área do conhecimento, o que inclui, além de cientistas de universidades e centros de pesquisa, pessoas de empresas privadas ou órgãos governamentais, entrevistadas por sua expertise em determinada área. Na categorização das áreas de conhecimento dos entrevistados, utilizou-se a Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq. Nos raros casos em que a reportagem se refere ao entrevistado ou à entrevistada apenas como pesquisador ou pesquisadora, fez-se uma busca no site de sua instituição ou no currículo da pessoa na Plataforma Lattes para encontrar sua área do conhecimento. Depoimentos de personagens não ligados a uma área do conhecimento não entraram na quantificação dos dados.

RESULTADOS

Na análise das 88 reportagens da revista *Pesquisa Fapesp* publicadas em 2024 que têm como chapéu uma área ou subárea do conhecimento, chegou-se a um total de 351 pessoas entrevistadas, das quais quatro foram entrevistadas em mais de uma edição da revista: o imunologista Licio Velloso, da Universidade Estadual de Campinas (junho e novembro); o infectologista Julio Croda, da Fundação Oswaldo Cruz (junho e setembro); o engenheiro agrônomo José Marques Júnior, da Universidade Estadual Paulista (fevereiro e dezembro); e o biólogo Helder Araújo, da Universidade Federal da Paraíba (janeiro, outubro e dezembro).

Duas dessas fontes mencionadas acima são exemplos que ilustram procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa para classificação das pessoas entrevistadas. O entrevistado qualificado como “infectologista” foi classificado na grande área de Ciências da Saúde, na área de Medicina e na subárea de Doenças Infecciosas e Parasitárias, porque não há “Infectologia” na Tabela de Áreas do CNPq. Da mesma forma, o entrevistado qualificado como “engenheiro agrônomo” foi classificado na grande área de Ciências Agrárias e na área de Agronomia, porque não há “Engenharia Agrônômica” na Tabela de Áreas do CNPq.

A maioria dos entrevistados é de universidade pública. A equipe de reportagem da *Pesquisa Fapesp* entrevistou 122 pesquisadores de universidades estaduais e 120 pesquisadores de

universidades federais, que abrangem dezoito estados brasileiros e mais o Distrito Federal. Também foram entrevistadas 35 pessoas de instituições do exterior e 17 pessoas de universidades privadas. A Tabela 1 apresenta as instituições com maior número de entrevistas concedidas, incluindo na soma as fontes entrevistadas mais de uma vez, pois a instituição do pesquisador entrevistado ganha visibilidade em mais de uma edição da revista.

Tabela 1: Dez instituições com maior número de entrevistas

Instituição	Número de entrevistas
Universidade de São Paulo	65
Universidade Estadual de Campinas	30
Universidade Estadual Paulista	11
Universidade Federal de São Paulo	11
Universidade Federal do Rio de Janeiro	11
Pontifícia Universidade Católica	10
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	10
Universidade Federal de Minas Gerais	9
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	9
Fundação Oswaldo Cruz	9

Fonte: Elaborado pelo autor.

As universidades públicas, no Brasil, são as maiores produtoras de conhecimento em pesquisa e uma boa parte delas também é bem estruturada em termos de comunicação organizacional. O relatório “A pesquisa no Brasil: promovendo a excelência”, encomendado pela Capes e publicado pela Clarivate Analytics, em 2019, diz que “10 universidades - todas elas públicas - são responsáveis por mais da metade da produção científica brasileira, com as três universidades estaduais paulistas [...] encabeçando a lista” (Tôzo, 2024, p. 25).

A Pontifícia Universidade Católica (PUC), instituição privada, aparece na Tabela 1 entre as que têm mais entrevistas concedidas à *Pesquisa Fapesp*, considerando o somatório de suas unidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e de Campinas. As estaduais paulistas, que aparecem no topo do relatório da Clarivates entre as que mais produzem pesquisa, também encabeçam a Tabela 1, mas a USP é a que mais se sobressai.

Tôzo (2023) aponta o *Jornal da USP*, criado em 1985, como um dos jornais universitários mais antigos do país. Mas essa universidade estadual paulista tem um diferencial

em relação a instituições que também têm décadas de prática de jornalismo científico, como a UEL e a UFPA. Segundo Tôzo (2023), a estrutura de comunicação da USP conta não apenas com uma assessoria de imprensa ligada diretamente à reitoria, mas também com as assessorias de comunicação das unidades de ensino, dos laboratórios e grupos de pesquisa, além de ter uma Superintendência de Comunicação Social, esta última responsável tanto pela comunicação interna quanto externa.

Quatro grandes áreas do conhecimento tiveram mais de 50 entrevistados pela *Pesquisa Fapesp* ao longo de 2024, incluindo as Ciências Humanas, cuja cobertura e divulgação mais ampla é defendida por Bueno (Tôzo, 2022a). As Ciências Humanas tiveram 53 entrevistados. As outras três grandes áreas são Ciências Exatas e da Terra, com 66 entrevistados, Ciências Biológicas, com 62, e Ciências da Saúde, com 56. Pertencem a essas três grandes áreas do conhecimento as quatro áreas específicas ou subáreas com maior número de entrevistados. A Tabela 2 mostra as áreas específicas ou subáreas com mais pessoas entrevistadas pela revista.

Tabela 2: Quinze áreas do conhecimento com maior número de entrevistados

Área do conhecimento	Número de entrevistados
Medicina	41
Biologia	31
Paleontologia	16
Física	14
Agronomia	13
História	12
Arqueologia	11
Geologia	11
Sociologia	10
Astronomia	9
Literatura Brasileira	9
Psicologia	9
Microbiologia	8
Economia	8
Engenharia Elétrica	7

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ramalho et al. (2012) reconhecem a dificuldade do protocolo de análise de matérias de telejornais sobre ciência e tecnologia para contemplar temas interdisciplinares ou

transdisciplinares. Segundo eles, há matérias em que é difícil apontar a abordagem de um único campo do conhecimento. Isso vale tanto para veículos comerciais quanto para veículos ligados a agências públicas de financiamento à pesquisa, independentemente das escolhas editoriais de cada veículo. No caso desta pesquisa sobre a *Pesquisa Fapesp*, optamos por quantificar as áreas dos entrevistados, porque mesmo no caso dessas 88 reportagens analisadas, que têm como chapéu uma área ou subárea do conhecimento, são poucos os textos com entrevistados de uma única área ou subárea do conhecimento.

Três das cinco áreas ou subáreas do conhecimento com maior número de entrevistados pela *Pesquisa Fapesp* (Medicina, Biologia e Agronomia) têm relação com os macrotemas mais abordados pelos portais de notícias da UFMG, da Ufla e da UFV entre 2004 e 2018, segundo a pesquisa de Silva e Pereira (2021): Saúde, Agropecuária e Meio Ambiente. Os portais de notícias de universidades são usados aqui como parâmetro de comparação porque podem pautar veículos comerciais e também veículos ligados a alguma instituição pública.

A subárea da Paleontologia se destaca na Tabela 2 como a terceira com mais entrevistados. Ao longo de 2024, seis reportagens tiveram como chapéu a Paleontologia. O expressivo número de médicos entrevistados pela *Pesquisa Fapesp* se distribui por reportagens cujo chapéu são subáreas como Imunologia (em cinco edições da revista), Saúde Pública (quatro edições), Epidemiologia (três edições) e Neurologia (três edições).

Embora a primeira etapa da pesquisa (ainda inédita) tenha indicado que nem todas as grandes áreas do conhecimento tiveram entrevistados nas reportagens de capa da *Pesquisa Fapesp* em 2024, no caso das reportagens cujo chapéu é uma área ou subárea do conhecimento, todas as grandes áreas estão contempladas. A grande área de Linguística, Letras e Artes, ausente nas reportagens de capa, teve 42 pessoas entrevistadas pela revista ao longo de 2024 em reportagens cujo chapéu é uma área ou subárea do conhecimento. Além de pesquisadores da subárea de Literatura Brasileira, que aparece na Tabela 2, também foram fontes entrevistadas pela revista seis pessoas da área de Linguística e outras seis da subárea de Música.

Das 351 pessoas entrevistadas pela equipe da *Pesquisa Fapesp* para as reportagens publicadas em 2024, cujo chapéu é uma área ou subárea do conhecimento, 67,5% são do sexo masculino e 32,5% são do sexo feminino. Essa desigualdade se aproxima bastante dos percentuais de homens e mulheres cientistas que concederam entrevistas aos programas

Fantástico, da TV Globo, e *Domingo Espetacular*, da TV Record, em reportagens sobre vacinas veiculadas entre março de 2020 e agosto de 2021 e investigadas por Damasceno et al. (2024). Há duas questões que podem estar relacionadas a essa desigualdade. Uma delas é a posição de liderança, majoritariamente masculina, que tem mudado ao longo dos anos.

Em pesquisa realizada há dez anos, Pedreira (2014) afirmava que as mulheres ainda eram minoria na liderança de grupos de pesquisa, embora sua participação em pesquisa já tivesse se igualado à dos homens. O Censo do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq totalizava, em 2014, 35.424 grupos de pesquisa e 180 261 pesquisadores, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Mas 54% das lideranças de grupo eram do sexo masculino e 46% eram do sexo feminino (Chiarini; Rapini; Santos, 2024).

Em 2023, o último Censo indica 42 852 grupos de pesquisa e 247 455 pesquisadores, dos quais 52% são do sexo feminino e 48% são do sexo masculino, ou seja, as mulheres já são maioria entre os pesquisadores. Mas na liderança, embora a desigualdade tenha diminuído, ainda há uma inversão: 52% dos líderes são do sexo masculino e 48% são do sexo feminino (Chiarini; Rapini; Santos, 2024). Porém, essa desigualdade em liderança, por si só, não explica a diferença no número de homens e de mulheres entrevistados pela mídia. Há outra questão envolvida, que é a escolha preferencial de áreas do conhecimento por homens e por mulheres.

A pesquisa de Pedreira (2014), realizada há dez anos, indicava que em cursos de Engenharias Mecânica, Elétrica e Naval e em Física, os homens eram 80%, mesmo percentual das mulheres em cursos de Fonoaudiologia, Enfermagem, Serviço Social e Nutrição. Em 2022, havia mais mulheres (60%) entre concluintes de graduação do que homens (40%), segundo pesquisa do IBGE (2024) intitulada *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Essa pesquisa mais recente indica que as mulheres são 91% em cursos relacionados ao que os autores chamam de Bem-Estar, como Serviço Social, mas em Engenharias e Matemática, elas são 22%, e em Computação, são 15%. A Tabela 3 mostra que nas entrevistas para as reportagens da *Pesquisa Fapesp* cujo chapéu é uma área ou subárea do conhecimento, as mulheres são maioria em apenas uma grande área.

Tabela 3: Percentual de entrevistados homens e mulheres por grande área

Grande área do conhecimento	Percentual de homens	Percentual de mulheres
Ciências Agrárias	94,0%	6,0%
Engenharias	88,0%	12,0%
Ciências Exatas e da Terra	83,0%	17,0%
Ciências Biológicas	73,0%	27,0%
Ciências da Saúde	62,5%	37,5%
Linguística, Letras e Artes	55,0%	45,0%
Ciências Humanas	51,0%	49,0%
Ciências Sociais Aplicadas	47,0%	53,0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando áreas específicas do conhecimento, duas das mencionadas no estudo de Pedreira (2014) como predominantemente femininas, a Fonoaudiologia e a Nutrição, tiveram duas mulheres entrevistadas e nenhum homem entrevistado nas reportagens da *Pesquisa Fapesp* cujo chapéu é uma área ou subárea do conhecimento. Em outras duas áreas mencionadas por Pedreira (2014), a Engenharia Elétrica teve seis homens entrevistados e uma mulher entrevistada e a Engenharia Mecânica teve cinco homens entrevistados e nenhuma mulher entrevistada. E em Física, também mencionada por Pedreira (2014), foram doze homens entrevistados e duas mulheres entrevistadas. O percentual para a representatividade dos homens entre as fontes da revista nessas três últimas áreas é superior a 85%.

CONCLUSÕES

Dois fatores estão relacionados com a presença significativa de pesquisadores de instituições como a USP e a Unicamp em reportagens da revista *Pesquisa Fapesp* cujo chapéu é uma área ou subárea do conhecimento. Um deles é o protagonismo dessas universidades na produção científica brasileira. O outro é a estrutura de comunicação que elas possuem e o trabalho bem-sucedido de suas assessorias de imprensa na intermediação entre veículos de mídia e pesquisadores. Essa é uma das conclusões do trabalho de Tôzo (2024), que analisou processos produtivos internos de universidades públicas brasileiras e entrevistou jornalistas dessas instituições.

Embora a maioria das universidades brasileiras tenha se dedicado mais, historicamente, ao ensino e extensão do que à divulgação de suas pesquisas, a divulgação científica tem

sido cada vez mais estimulada institucionalmente e foi até mesmo incorporada como ação a ser incluída nos currículos dos pesquisadores na Plataforma Lattes. Parte desse esforço se reflete na abrangência das instituições com fontes entrevistadas pela *Pesquisa Fapesp*, cobrindo todas as regiões do país.

Apesar do predomínio das Ciências Exatas e da Terra, das Ciências Biológicas e das Ciências da Saúde, tanto no número de pesquisadores entrevistados quanto na própria escolha temática de áreas ou subáreas que pautam as reportagens, é importante salientar o papel significativo das Ciências Humanas entre as fontes da *Pesquisa Fapesp* e também o fato de que todas as grandes áreas do conhecimento estão contempladas nas suas edições publicadas em 2024. É importante a revista sinalizar tanto para seu público leitor quanto para os outros veículos que a veem como modelo de jornalismo científico, que pesquisas em Linguística, Letras e Artes também merecem ser divulgadas.

Em relação à desigualdade entre homens e mulheres nas escolhas das fontes entrevistadas pela revista, há uma mudança gradativa, ao longo dos anos, no que diz respeito ao protagonismo feminino em posições de liderança em grupos de pesquisa. Mas ainda permanece uma diferença significativa em termos de escolhas de áreas de formação, algumas majoritariamente masculinas e outras majoritariamente femininas. Ainda assim, mesmo considerando essa diferença, a *Pesquisa Fapesp*, que se engaja na discussão sobre o tema da desigualdade de gênero e publica reportagens sobre equidade na ciência, poderia ficar atenta na busca de um equilíbrio entre homens e mulheres nas escolhas de fontes para entrevistas.

REFERÊNCIAS

CHIARINI, T.; RAPINI, M. S.; SANTOS, E. G. **Revelando tendências: análise dos resultados do censo de grupos de pesquisa de 2023**. Brasília, DF: Ipea, 2024.

DAMASCENO, D.; MEDEIROS, A.; CARNEIRO, M.; MASSARANI, L.; OLIVEIRA, T.; RAMALHO, M. Injustiça epistêmica e reafirmação de estereótipos: a representação do cientista no Fantástico e Domingo Espetacular durante a pandemia de Covid-19. *Contracampo*, Niterói, v. 43, n. 1, p. 1-17, 2024.

FOLHA DE S. PAULO. **Novo Manual da Redação**. São Paulo: Folha de S.Paulo, 1996. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm>. Acesso em 22 jan. 2025.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 3. ed. Brasília, DF: IBGE, 2024.

MASSARANI, L.; CASTELFRANCHI, Y.; PEDREIRA, A. L. Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 56, p. 1-34, 2019.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PEDREIRA, A. E. F. **Gênero, ciência e TV: representações dos cientistas no Jornal Nacional e no Fantástico**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

RAMALHO, M.; MASSARANI, L.; CASTRILLÓN, T. A.; POLINO, C.; VARA, A. M.; CRÚZ-MENA, J.; HERMELIN, D.; CEVALLOS, M. D.; CASTELFRANCHI, Y.; OCA, A. M.; POZA, G. R.; MOREIRA, I. C. Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas. In: MASSARANI, L. (org.). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa Oswaldo Cruz, 2012. p. 11-24.

SILVA, A. E. F. A.; PEREIRA, J. R. Pesquisas científicas em universidades públicas de Minas Gerais (Brasil): quinze anos de notícias e suas repercussões. **Journal of Science Communication - América Latina**, Trieste, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2021.

TÔZO, C. O. Wilson da Costa Bueno - o jornalismo científico ontem e hoje. **Revista Altejour**, São Paulo, v. 2, n. 26, p. 151-157, 2022a.

TÔZO, C. O. O jornalismo científico produzido nas (pelas) universidades públicas: algumas reflexões. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 20., 2022, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFC, 2022b. p. 1-16.

TÔZO, C. O. A produção do jornalismo científico pelas universidades públicas: a experiência do *Jornal da USP*. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 2, n. 28, p. 99-120, 2023.

TÔZO, C. O. **A práxis do jornalismo científico: a experiência do *Jornal da USP* e de universidades públicas brasileiras no período pandêmico**. 2024. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SOBRE O AUTOR

Rodrigo Bastos Cunha é pesquisador do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi coordenador da Especialização em Jornalismo Científico da Unicamp entre 2017 e 2018. É docente da Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural na mesma universidade.

Artigo recebido em: 24 de janeiro de 2025.

Artigo aceito em: 4 de maio de 2025.